

Sorte Dos Índios Maxacalis Nas Mãos Dos "Abas-Largas"

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — Um indiozinho maxacali, de sete anos, engoliu a cápsula de uma bala calibre 22 e, por falta de assistência médica, ficou com a bala no estômago. Dias depois, foi conduzido, a cavalo, para a cidade de Maxacalis; daí, em um jipe, até Teófilo Otoni, onde embarcou em um avião, com destino a Belo Horizonte. Quando chegou a esta capital, apesar de todos os cuidados médicos, faleceu, pois a demora na assistência já o havia condenado. Isso foi há seis meses.

Depois de uma festa na localidade de Santa Helena, vários índios maxacalis, embriagados, começaram uma briga entre si mesmos, por um motivo qualquer. Na luta, quatro deles morreram e outros ficaram feridos. Isso ocorreu há cerca de 60 dias.

Com fome, sem ter onde caçar ou pescar, os índios maxacalis invadiram a propriedade de um dos fazendeiros da vizinhança, em busca de alimentação. Isso acontece frequentemente no posto indígena Engenheiro Mariano de Oliveira, localizado a 30 quilômetros de Bertópolis (mordes-

te de Minas), onde, em dois aldeamentos — Agua Boa e Pradinho —, vivem cerca de 400 índios maxacalis, quase isolados da sociedade e em condições precaríssimas.

— Ultimamente — diz o Capitão Manuel dos Santos Pinheiro, assistente técnico do Contingente de Vigilância Rural da Polícia Militar de Minas, que foi ao local examinar de perto a situação dos índios — os maxacalis andam nervosos, em vista do boato espalhado nos dois aldeamentos de que os fazendeiros e posseiros vizinhos do posto desejam invadir suas terras, e

tudo faz crer que elementos agitadores atuam na região com o propósito de provocar um choque entre brancos e índios. Segundo o Capitão Pinheiro, os elementos mais atuantes nesse trabalho são os Srs. Geraldo Magalhães, o "Geraldão", que é vereador em Bertópolis, Nerinho Cangussu, proprietário de uma fazenda na divisa do Posto e que é considerado o maior inimigo dos índios.

Polícia da Salvação

É para acabar com esses conflitos entre índios e fazendeiros prestar assistência médica e alimentar aos maxacalis, evitar que eles se matem a si mesmos, e impedir a extinção de mais uma raça silvícola do País, que o contingente de Vigilância Rural da Polícia Militar de Minas resolveu instalar um posto de vigilância em Maxacalis, nas proximidades do posto do SPI. Os encarregados da instalação do posto partirão para Maxacalis dentro de cinco dias, tempo em que chegará de Brasília uma camioneta fornecida pela diretoria geral do SPI. Comandará o contin-

gente dos "abas largas" (vigilantes rurais) o sargento Geraldo Alves de Oliveira, de 37 anos, que fez um curso com o Capitão Pinheiro sobre a situação dos índios e a melhor maneira de prestar-lhes assistência. O posto se comporá do sargento Geraldo, do cabo de saúde Pedro Ferreira e dos soldados Reimundo Duarte da Costa, Joaquim Martins dos Santos e Onofre Martins de Oliveira.

Os "abas-largas" levarão para Maxacalis revólveres calibre 38, uma metralhadora, medicamentos, víveres e roupas descarregadas (fardamentos usados fornecidos pelo Exército). O contingente conta com a colaboração do SPI, do Departamento de Endemias Rurais e da Secretaria de Saúde, para a instalação do posto.

Homem Perigoso

O sargento Geraldo Alves de Oliveira disse a O GLOBO que o posto resolverá, entre outras coisas, o problema da disputa de terras. A experiência que adquiriu durante os vários anos em que lidou com lavradores, contribuirá para

facilitar essa tarefa. Segundo ele, o índio, quando se sente ferido, revolta-se e se torna um homem perigoso. Combaterá com rigidez a distribuição de cachaça entre os índios, que considera um dos fatores que mais colaboram para a situação de miséria em que se encontram os maxacalis.

A esse respeito, O GLOBO ouviu o depoimento de Saulimar Figueiredo de Sousa, um jovem de 19 anos que mora na localidade de Amburama, entre os dois aldeamentos dos maxacalis. Diz Saulimar que sempre viveu ali e sabe, inclusive, conversar na linguagem maxacali:

— Os índios só ficam quando bebem. Em estado normal, são pacatos. Para beberem, os maxacalis vão ao Arraial de Santa Helena, a Amburaninha ou a Batinga, lugarejo situado na divisa com a Bahia, levando consigo pencoiras, balaios, cestos e flechas para trocar pela cachaça.

Afirma Saulimar que os maxacalis vão à cidade sempre vestidos com as roupas que lhes dão, as quais se acabam no próprio corpo, por que não são lavadas. Contou que, às vezes, os maxacalis ficam rebeldes, e cita um exemplo. Certa feita, eles destruíram as casas de madeira que o posto indígena da região havia construído.

CEDI

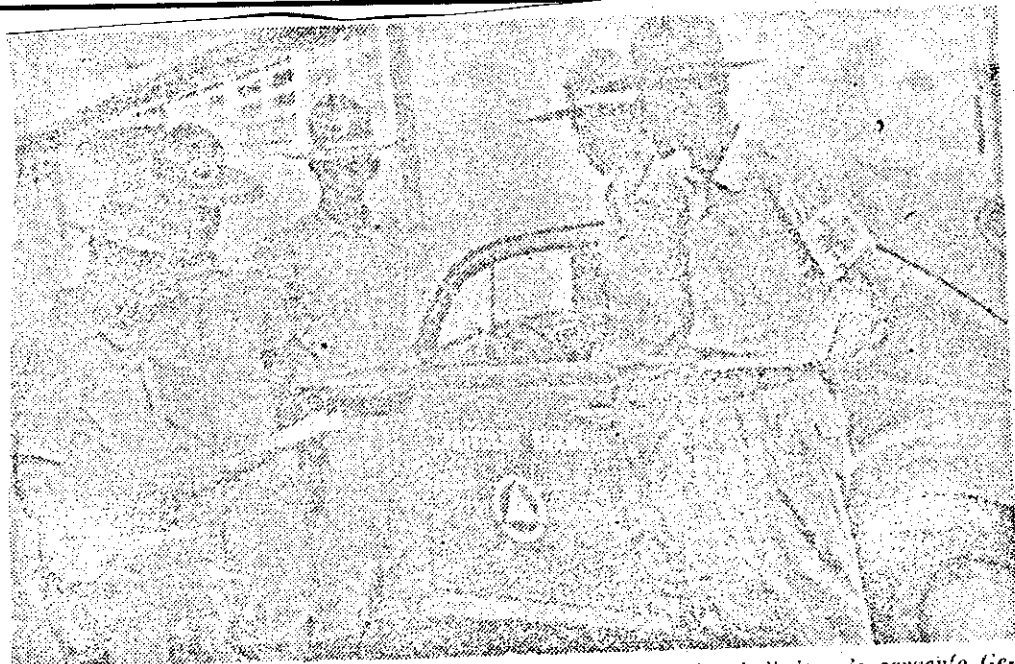
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 06

Data: 06/03/67

Pg.: 08 (cont.)



Patrulha que vai instalar o posto para salvar os índios maxacalis, chefiada pelo sargento Geraldo Alves de Oliveira (o primeiro, à esquerda)

Os Maxacalis

O Capitão Pinheiro, que fez "in loco" os estudos preliminares para a instalação do posto, declara, no relatório ao comandante do Contingente de Vigilância Rural, Major

Vicente Rodrigues dos Santos, que cerca de 400 índios maxacalis residem no Posto do SPI (Posto Indígena Engenheiro Mariano de Oliveira), numa área de sete mil hectares, dividida em duas glebas descontinuas.

— Os maxacalis — afirma — são primitivos, conservando plenamente operativa a sua estrutura social original, permanecendo até hoje isolados da sociedade, resistindo e reagindo às pressões da expansão colonizadora que vem predominando na região, nos últimos trinta anos. São unidos quando se trata de defender suas terras, apesar das lutas constantes verificadas entre eles, ultimamente. Por questão de família, desencadeou-se há alguns anos uma luta dentro da tribo, que, então, se dividiu em dois grupos distintos: o de Água Boa e o do Pradinho.

— Os maxacalis são amáveis e atenciosos com os amigos — prossegue —, mas rancorosos e vingativos para com os inimigos. A disputa entre os maxacalis degenerou de tal modo que índio de um aldeamento não pisa no do outro, sob pena de ser massacrado. Adotam o princípio de justiça de Talião (olho por olho, dente por dente), punindo rigorosamente os infratores de suas leis, depois de julgá-los através de um conselho tribal.

Ociosidade

Prossigue o Capitão Pinheiro:

— Vivendo exclusivamente da pesca de pequenos peixes, que ainda existem nos córregos próximos das aldeias, da farinha de mandioca e da banana, sendo estas duas últimas

rancar mandioca, feijão, batata, melancia, banana e milho. Irritados e nervosos, acusam os índios de vadios e de ladrões, ameaçando matá-los, caso os apanhem em suas terras.

— Em represália à invasão de suas roças, os fazendeiros teiam fogo nas aldeias indígenas. Incendiados os aceiros, as chamas queimam florestas primitivas, capoeiras em formações, roças e palhoças, dizimando a fauna e põde em risco a vida dos índios. Os índios, vendo sua terra queimada, voltam a assaltar as roças das fazendas, enquanto os proprietários ameaçam tornar a incendiar a reserva indígena no ano seguinte. E assim os anos vão passando e os ânimos ficando cada vez mais exaltados.

Infracção à Lei

Uma grande parte da área do Posto Indígena está arrendada a fazendeiros da região para invernada de gado vacum. Os arrendamentos não são bem recebidos pelos índios, que os interpretam como uma invasão de suas terras, com a cumplicidade dos funcionários do SPI, moradores naquele local. Como represálias, vêm furtando algumas cabeças de gado desses arrendatários, e do próprio SPI, que também possui ali um pequeno rebanho. Apesar de existir nos contratos de arrendamento cláusula que veda ao arrendatário realizar derrubadas e queimadas, vêm os mesmos contrariando essa proibição e causando sérios prejuízos ao patrimônio indígena.

Missão do Posto